



DIOGO ZACARIAS/MINISTÉRIO DA FAZENDA

Ministro da Fazenda, Fernando Haddad, na sede do ministério, em Brasília

⇒ **outros ministros no Palácio do Planalto hoje (ontem)?**

O tema foi segurança pública, à luz do que tramita no Congresso: PEC da Segurança Pública, Lei do Devedor Contumaz, Lei Antifacção, lei sobre receptação. Fomos discutir um pouco esses diplomas legais – um dos quais há oito anos está tramitando no Congresso Nacional, lei importantíssima que pega o crime organizado pela lavagem de dinheiro. Fizemos um balanço e há imperiosa necessidade de que a União atue na segurança pública, que não está prevista na Constituição Federal. A PEC da Segurança Pública abre uma possibilidade grande de troca de informações, trabalho de inteligência, coordenação interfederativa.

Como se faz isso?

Tivemos o pacto federativo em torno da reforma tributária. Já houve pacto federativo para construir o SUS. O Brasil sabe fazer pactos federativos. E aí, ao invés da disputa político-partidária, você tem a operação federativa como política de Estado – o que dá consistência para a atuação do Estado brasileiro. Na segurança, está faltando um pacto federativo. O mercado financeiro parece feliz: a Bolsa está batendo recordes, o dólar se acomodou.

O mercado está mais satisfeito com o governo do que o PT?

O PT melhorou comigo, embora sempre tenha sido legal. O PT é um mosaico de pensamentos críticos e eu gosto desse partido por causa disso. Você pode ser ministro, presidente, governador – você é tratado igual. Então, todo mundo fala. E aí, obviamente, o que é notícia? A crítica de um petista ao ministro da Fazenda. Não te-

nho problema com isso.

O sr. se preocupa de o mercado ficar nervoso com o pacote eleitoral para o ano que vem?

Não estou com pacote nenhum de gastos na mesa.

Mas já tem várias medidas em andamento, como o projeto da isenção das tarifas para os ônibus municipais.

O presidente me pediu para estudar o setor. Não tenho uma proposta, estamos fazendo uma radiografia. Quanto está entrando de tarifa? Quanto está entrando de subsídio? Quanto está entrando de vale-transporte que as empresas pagam? Quanto dos 6% do trabalhador? Estamos fazendo um diagnóstico. Não vou fazer nada com pressa. *(A isenção até R\$ 5 mil do)* Imposto de Renda todo mundo dizia o seguinte: ou não faz ou vai estourar as contas públicas. Eu falei: não vou fazer para estourar as contas públicas. Ou vai sair equilibrado ou não vai sair.

O que mais o sr. pode falar sobre o projeto de isenção da tarifa de ônibus?

Primeiro, não é para o ano que vem. Nem poderia fazer no ano que vem, porque tem legislação eleitoral. Mas o presidente pode *(incluir)* na sua plataforma política. Se tiver uma coisa bem desenhada, pode incorporar. O trabalho que eu estou fazendo, se terminar a tempo, vai ser dada publicidade e cada candidato que se vire para assimilar ou não assimilar. Vamos tentar fazer uma proposta. No IR, eu não mandei a proposta antes de ter certeza de que era neutra *(em termos fiscais)*. *(A tarifa gratuita)* Só será viável se for fiscalmente neutra. Senão, não vamos fazer. Não tenho espaço fiscal para isso. Não vou

criar espaço fiscal para isso. E tem de ser uma coisa inteligente – como, na minha opinião, foi o Imposto de Renda.

O Bolsa Família pode ser reajustado no ano que vem?

Ninguém falou comigo sobre isso. Nós temos de olhar também os efeitos dos programas sociais sobre o mercado de trabalho. Porque às vezes você está achando que está ajudando e está atrapalhando. As pessoas querem trabalhar, se desenvolver. Então, tem de calibrar a distância entre o salário mínimo e o Bolsa Família. O último Caged deu 213 mil postos de trabalho e foram mais de 2 milhões de pessoas que saíram do Bolsa Família. Então, você vai construindo com inteligência os parâmetros corretos para que a pessoa não se sinta desassistida. Ela está em um País que não quer que ela passe fome, mas sabe que ela quer uma oportunidade.

O sr. conseguiu convencer o presidente Lula de que não quer disputar um cargo eletivo em 2026?

Não estou conversando ainda sobre isso, mas ele sabe da minha inclinação. Já há muito tempo, não é de agora. Foi no

ano passado que falei para ele que eu não tinha intenção de ser candidato em 2026.

O sr. vai estar aqui em maio do ano que vem, na Fazenda?

Eu não sei, não conversei com ele *(Lula)* ainda. Eu já falei que entreguei tudo aquilo que ele encomendou. O que ele encomendou, eu entreguei.

“Ninguém falou comigo sobre isso *(reajuste do Bolsa Família)*”

“Não estou com pacote nenhum de gastos na mesa”

Por essa fala, está parecendo que o sr. já cumpriu a missão. O sr. pretende continuar ministro da Fazenda num eventual quarto mandato do Lula?

Não sei se eu tenho essa pretensão, vamos ver.

O que o sr. pode falar sobre as estatais, elas viraram um risco? O empréstimo de R\$ 20 bilhões com aval do Tesouro, pedido pelos Cor-

reios, não é muito arriscado?

É, e é por isso que o Tesouro está sendo muito criterioso em aceitar. Quer dizer, ou há um plano de reestruturação da empresa, e isso é possível, ou não há. A proposta da nova diretoria é de reestruturação, não é um Band-Aid. Botar o dinheiro, pagar as contas, não é isso. Estão, inclusive, em um processo de negociação lento.

Como o sr. vê a deterioração das estatais?

Tem uma parte disso *(déficit)* que é investimento, mas você sabe como é a contabilidade das estatais. Na questão dos Correios, não é isso.

Tem alguma outra que preocupe?

Tem uma decisão para se tomar sobre a Eletro nuclear. É um investimento feito nos anos 70, e muito problemático, que se agravou com a venda da Eletrobras.

E a visão da Fazenda, qual é? Termina a obra de Angra 3?

Não vou antecipar, mas estamos firmando um posicionamento para levar para o presidente Lula, meio que definitivo. Penso que pode ter uma convergência de vários atores do governo. ●

